

DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DE UM TRABALHO COM IDENTIDADE CULTURAL E EXIGÊNCIAS DA LEGISLAÇÃO

Sheila de Freitas¹

O presente relato refere-se ao trabalho realizado com o livro: “O que há de África em nós”, dos autores Walter Fraga, Wlamyra R. de Albuquerque, desenvolvido com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede particular da cidade de Mariana, Minas Gerais. O planejamento das aulas de Literatura, naquele momento, buscava contemplar as orientações e expectativas da Lei 10.639/2003 buscando investigar as ideias pré-concebidas sobre a África e a cultura negra para, então, criar novas possibilidades de reflexão em conjunto com os alunos. O trabalho se desenvolveu em concordância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o foco em habilidades como a identificação de processos de formação de culturas, opinar e defender um ponto de vista, entre outras. Um trabalho desafiador e, ao mesmo tempo, encantador que foi construído por métodos de interação, discussão, reflexão, ressignificando valores e conhecimentos, contemplando leituras individuais e coletivas.

Sabemos que o papel principal do professor dos anos iniciais é a formação integral da criança, com ênfase no ensino da leitura, da escrita e das operações aritméticas básicas. O professor também precisa estar preparado para olhar e compreender o perfil discente deste século: alunos marcados por processos interativos específicos próprios da época, muitos preferem o visual ao textual, o aleatório ao sequencial, trechos curtos a longos; alunos capazes de desenvolver múltiplas tarefas simultaneamente, mas com dificuldade de aceitar autoridades e críticas; alunos que querem se expressar, entre outras características, conforme exposto por Silva (2001, p.37), quando afirma que:

O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. E continua. Vale dizer que precisamos estar atentos

1 E-mail para contato: sheilafreitas.bh@gmail.com.

para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial.

Diante disso, o trabalho literário torna-se ainda mais desafiador para o professor. Todavia, ao mesmo tempo que é desafiador, também habilita um determinado tipo de trabalho que pode ser muito enriquecedor. Pode-se refletir mais sobre o trabalho com uma obra literária e as suas possibilidades. O professor, atua como mediador, articulador do processo, e suas ações devem partir sempre de uma intencionalidade educativa, a fim de potencializar o trabalho pedagógico desenvolvido. Acreditando que:

Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas. Quando se tenta potencializar certo tipo de capacidades cognitivas, ao mesmo tempo se está influenciando nas demais capacidades, mesmo que negativamente (Zabala, 1998, p. 28).

A seleção dos livros literários a serem trabalhados ao longo do ano deve ser realizada com bastante cautela, deve estimular a atenção e o interesse do perfil de aluno citado anteriormente, mas sem se perder dos objetivos pedagógicos. Estes são os norteadores do planejamento do professor, e estão baseados na Proposta Pedagógica da escola, no Regimento Escolar, bem como na Base Nacional Comum Curricular que nos aponta a necessidade de uma Educação Integral.

A seleção do livro: “O que há de África em nós”, foi pensada exatamente no sentido de proporcionar aos alunos uma “viagem” onde, por meio da leitura e usando a imaginação e recursos como fotos e imagens digitais, pudessem visitar o oceano Atlântico, conhecer outros períodos históricos, embarcar em navios e chegar a diferentes lugares a cada capítulo. Assim também promovemos, por meio de um olhar pedagógico, ações que viabilizem o ensino da cultura africana no âmbito educacional.

Compreendemos que a literatura exerce um papel fundamental na formação de leitores. E o livro: “O que há de África em nós” nos possibilitou arriscar-se a atingir alguns objetivos como:

- Criar novas possibilidades de reflexão em conjunto com os alunos.
- Criar e fortalecer a identidade de alguns alunos que ainda não se reconheciam como crianças negras.

Por meio de um trabalho leve e estimulante, que recorre a ferramentas que estimulam as crianças em seus processos de desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo, e lhes oferece a oportunidade de realizar leituras por meio de imagens do próprio livro literário, mas também de revistas, de fotos dos familiares, foram convidadas a produzirem textos, legendas, a interagirem e discutirem com os pares, refletindo, sentindo e ressignificando valores e conhecimentos. Todas estas ações indispensáveis para o alcance de um aprendizado satisfatório.

A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA JUNTO À TURMA

A aula de Literatura faz parte da área de Linguagens, acontece uma vez por semana e está na carga horária do conteúdo de Língua Portuguesa. O livro “O que há de África em nós” foi escrito pelos autores Walter Fraga, Wlamyra R. de Albuquerque e é um livro de viagens. A história apresentada inicia-se no ambiente escolar, com crianças entre 10 e 11 anos.

Este trabalho foi desenvolvido com 19 crianças do quinto ano do Ensino Fundamental. Além desses fatores, também foram considerados aspectos culturais e sociais da turma. Sabemos que a influência africana no Brasil está presente através de diversas formas em nossa cultura, tais como: a língua, a culinária, as danças, as músicas, algumas religiões e demais costumes dos diversos grupos vindos do continente africano. Reconhecê-los aumenta a compreensão do mundo e

nos permite perceber aspectos das relações entre povos e regiões do planeta ao longo do tempo, ainda pouco conhecidos e compreendidos.

A leitura do livro iniciou-se no mês de novembro de 2023. Esta data foi proposital levando em consideração o dia em que se comemora a Consciência Negra em nosso país e sabendo que foram realizadas alterações na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, no que se refere à inclusão no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, da obrigatoriedade da temática: “História e Cultura Afro-Brasileira” e a inclusão no calendário escolar do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra de acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação/MEC, 2005.

Cada aluno ficou responsável de realizar a leitura do livro em casa e, na data estabelecida dentro da sala de aula, realizamos uma roda de conversa para um bate-papo sobre esta leitura, também para compreender a percepção das crianças sobre o livro. Este momento entrou em consonância com as ideias defendidas por Martins (2006, p. 31-32):

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel diferente, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

Na roda de conversa os alunos estavam empolgados em apresentar suas impressões sobre a leitura. Quase não davam conta de ouvir o colega. Os poucos alunos que não haviam realizado a leitura observavam, já se comprometendo a realizá-la para o próximo encontro. Neste dia, para além da leitura, a tarefa de casa foi pesquisar sobre pessoas pretas e a influência delas em nossa sociedade, para em sala montarmos juntos um painel. Esta atividade

propiciou uma exigência da atual legislação que é a inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, que ultrapasse a dimensão puramente retórica, permitindo que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil.

Como já mencionado, este trabalho foi realizado dentro das aulas de Literatura, mas é importante destacar que ele foi desenvolvido a todo momento de forma interdisciplinar, especialmente com os conteúdos de História e Geografia, conforme pode-se perceber com a próxima tarefa onde os alunos foram divididos em duplas e cada dupla ficou responsável de pesquisar o grande continente: a África, localizá-la no mapa e trazer uma curiosidade sobre uma região. Esta atividade está associada ao objeto de conhecimento: “representação das cidades e do espaço urbano” e a habilidade desenvolvida foi “estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas”.

Com a preocupação em desenvolver programas que focam na diversidade cultural e na formação de múltiplas identidades, com ênfase em abordagens da história das nações africanas, as crianças foram questionadas sobre como podemos perceber a influência africana em nosso cotidiano. A partir das respostas apresentadas, surge a ideia para a próxima atividade, onde os alunos divididos em grupos deveriam pensar em um tema e uma forma criativa de apresentá-lo. Os temas apresentados foram: linguagem, culinária, a dança e a música, e as vestimentas, de acordo com a organização dos capítulos do livro.

É crucial que, para uma aplicação adequada dessas determinações legais, as instituições educacionais reflitam sobre o seu papel na formação de indivíduos capazes de conviver em ambientes de diversidade, reconhecendo-se como protagonistas relevantes dos processos históricos, sem importar a sua origem étnica, econômica ou social. Nesse sentido:

[...] ações afirmativas precisam ser implementadas pelas universidades, institutos e escolas abrindo-se assim novos territórios para práticas formativas que girem em torno da História e Cultura Africana e Indígena, relações étnico-raciais, diversidade, preservação de nosso patrimônio material e imaterial (Rocha, 2012, p. 98-99).

Cada grupo ficou responsável por organizar a sua pesquisa de forma autônoma, promovendo trabalhos de cunho histórico, de forma que envolva um diálogo entre pressupostos e situações reais no ensino de história e cultura afro-brasileira. Importante ressaltar que oferecer autonomia não significa apenas permitir que os alunos façam o que bem entenderem, mas sim capacitá-los para serem responsáveis pelo seu próprio aprendizado, com o apoio adequado do professor.

Segundo Scharle e Szabó (2000, p. 4) “a autonomia do aprendiz envolve o direito de tomar decisões, o que requer habilidade e liberdade para monitorar seus próprios conteúdos”. Desta forma, em dias estabelecidos antecipadamente pelo professor, havia encontros individuais com os grupos de trabalho para que estes relatassem os trabalhos e recebessem as devidas orientações, como por exemplo, revisar a escrita e aprofundar sobre a postura dos alunos na tomada de decisões. Após três semanas de organização, pesquisas e discussões, combinamos uma data para as apresentações. Para participar deste momento, convidamos a coordenação escolar, a turma do quarto ano e alguns professores.

O grupo responsável em pesquisar sobre a influência da linguagem, apresentou um glossário com palavras em português faladas no Brasil com raízes africanas. Este grupo realizou grandes descobertas como, por exemplo, que muitas destas palavras vêm de diferentes povos do continente como os nagôs² e os jejes³. Além da escolha das palavras que fariam parte do glossário, houve também uma preocupação quanto à apresentação (projeto gráfico) deste trabalho. O grupo se reunia semanalmente no laboratório de tecnologia da escola para escolher as cores

2 Indivíduo pertencente aos nagôs, povo que vive nos países africanos da Nigéria, Benin e Togo, de língua iorubá.

3 Negros do Daomé trazidos como escravos, caracterizados pela tez azeitonada. Variação de gege.

que iam compor este glossário e as imagens que fariam parte da capa, assim como as fontes onde foram pesquisados os sentidos das palavras.

Cocada, frango com quiabo, rabada, feijoada, pirão de angu, cuscuz foram algumas das descobertas realizadas pelo segundo grupo responsável em pesquisar sobre a influência africana em nossa culinária.

As mulheres negras africanas começaram a trabalhar nas cozinhas do Senhores de Engenho e introduziram novas formas de preparo das comidas. E mudaram seus métodos de cozimento para os alimentos brasileiros. Além disso, seus métodos de cozimento foram adaptados à culinária brasileira. Os brasileiros abraçaram o angu, o cuscuz, a pamonha e a feijoada que surgiram nas senzalas como sobras das refeições. Óleo de palma (azeite de dendê), leite de coco, especiarias e pimentas; assim como copos de barro e colheres de pau (Trecho da apresentação do grupo responsável).

Este grupo, além da apresentação das descobertas realizadas nas pesquisas, também trouxe alguns pratos para degustação da turma e convidados. Momento enriquecedor para os alunos, onde conseguiram transmitir o que aprenderam de forma ativa, contemplando o que é declarado por Freire (1996, p. 124) “o papel do aprendiz é importante para o processo de aprendizagem quando discorre sobre a necessidade de o educando assumir o papel de sujeito da produção de sua inteligência e não apenas o de receptor daquilo que é transmitido pelo professor”.

O terceiro grupo apresentou em seu trabalho a seguinte afirmação: “Sabemos que a música e a dança fazem parte das culturas tribais africanas. Embaladas por um ritmo marcado por instrumentos de percussão, as danças africanas geralmente têm ritmo e compasso rápidos, permitindo variações e movimentos diferentes”, retirada do site, Brasil Escola/Cultura africana. A partir desta informação o grupo, fez uma exposição de instrumentos como o atabaque, o berimbau, agogô e o afoxé. Para finalizar esta exposição, um grupo de capoeira foi convidado para se apresentar.

Uma cultura é diversa, rica, com enormes recursos imateriais e materiais e o quarto e último grupo ficou responsável por dar continuidade a esta riqueza pesquisando sobre a vestimenta, ou seja, a influência da moda afro na cultura brasileira. Com o slogan “É mais divertido olhar para a moda quando você entende sua história e suas referências e, o mais importante, aprecia seus valores”, este grupo realizou um pequeno desfile de moda explicitando o uso do algodão branco, das miçangas, do uso de rendas em ocasiões festivas, assim como o uso de estampas.

Após as apresentações, finalizamos o trabalho com o livro: “O que há de África em nós”. Esta obra oferece ao professor a oportunidade de desenvolver uma série de atividades dinâmicas nas quais os alunos podem compartilhar suas descobertas sobre a história desta rica cultura com familiares e amigos. Neste trabalho tentamos construir este caminho com as crianças considerando suas necessidades enquanto alunos da educação básica, afirmando a ideia apresentada por Gonçalves (2014, p.16) “a Psicanálise diz que tudo que nos chama a atenção e nos interessa fica na nossa mente, jamais é esquecido, principalmente a palavra escrita”. Assim, reafirmamos a necessidade de um trabalho que vise estimular no aluno o interesse pela leitura e pela produção escrita e criativa. A partir do exposto compreendemos que:

através da leitura aprimora-se a habilidade de prever e construir hipóteses, antecipando o conteúdo a ser lido. Dessa forma, com a competência leitora desenvolvida, o aluno se emancipa para continuar aprimorando-a de forma autônoma. Diante disso, pode-se afirmar que a leitura é uma apropriação cultural que possibilita o acesso a outros conhecimentos (Silva, 2015, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto visou revelar as influências culturais da África no Brasil e fazê-los perceber que já possuem um conhecimento significativo sobre o conteúdo

presente no livro, embora essa percepção ainda não tivesse sido explorada anteriormente.

Metodologicamente, este livro permite ao professor criar ações pedagógicas que orientam a aprendizagem em torno da cultura africana; e criar projetos interdisciplinares e iniciar a leitura em qualquer área, seja literatura, história política ou cultural do Brasil, artes, geografia, educação física, entre outras. Quanto mais disciplinas envolvidas, mais transdisciplinares são as abordagens, maiores são os desafios e, portanto, melhores serão os resultados.

Ao permitir que os alunos fizessem as suas pesquisas e organizassem as suas apresentações com visitas ao laboratório tecnológico e outras áreas de discussão e interação, procuramos estimular o seu interesse pelo trabalho, desenvolvendo diversas atividades em simultâneo porque afinal o aluno passa a ser também responsável pelo processo para construir a sua aprendizagem. De tal modo, se beneficiará de um desenvolvimento integral, ou seja, de uma educação que lhe permita adquirir competências cognitivas e emocionais.

Além de coordenar esse trabalho, o professor dos anos iniciais tem que desenvolver todos os outros conteúdos, abrir tabelas, avaliar, acompanhar em um curto espaço de tempo. Mas considerando a realidade atual em que vivemos, é necessária uma mudança de paradigma onde nós, professores, possamos tornar o ambiente de aprendizagem um local onde as crianças se sintam motivadas e desafiadas, como nós, a um constante processo de aprendizagem.

Obtivemos um resultado satisfatório, comprovado pelo envolvimento dos alunos e dos familiares. Entendemos que sim, é possível conectar alunos no engajamento de um trabalho mediante leitura, perceber sua identidade e valorizar sua origem, considerando as exigências da legislação em relação à sua formação integral.

Além disso, o trabalho promoveu a oportunidade de criar e fortalecer a identidade de alguns alunos que ainda não se reconheciam como crianças negras.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília, DF: MEC: SEB: Dicei, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Maria Euza Silva. **A importância da leitura no Ensino Fundamental.** Biblioteca Digital da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4758>. Acesso em: 07 nov. 2021.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura.** SP: Brasiliense, 2006.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. História e cultura afro-brasileira: Lei 10.639 / 2003 como um caminho para formação docente. In: CAMARGO, Maria Aparecida Santana et al. (Org.). **Mosaico de vivências acadêmicas.** Cruz Alta; Santa Maria: Unicruz: Palotti, 2012. p. 87102.

SCHARLE, Ágota; SZABÓ, Anita. **Learner autonomy:** a guide to developing learner responsibility. Cambridge: CUP, 2000.

SILVA, Geraldine Thomas da. **Interação entre leitura e escrita:** o impacto dos hábitos de leitura e da mediação em leitura na escrita de alunos do Ensino Médio. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2211>. Acesso em: 07 nov. 2021.

SILVA, Mozart Linhares da. **A urgência do tempo**: novas tecnologias e educação contemporânea. In: ____ (org.) Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZABALA, A. **A Prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.